

O novo jogo de uma velha raposa



Juraci começou cedo na política, passando pelo Centro Estudantil Cearense e por diretórios acadêmicos antes de ingressar no antigo MDB.

solidão e a saudade. Aos 10 anos, veio para Fortaleza estudar e deixou o pai, a mãe e os nove irmãos em Senador Pompeu, cidade do interior do Estado.

Na época do vestibular, seguiu para Recife. Escolheu a Medicina por causa da lembrança da figura do padrinho. Depois da formatura, exatamente cinco meses, o doutor Juraci era aprovado em concurso público e já garantia a estabilidade financeira. Hoje, com 39 anos de carreira, ele atende a uma clientela fiel. No fichário, mais de 40 mil nomes -- muitos deles a terceira geração de clientes atendidos por Juraci.

Na vida pessoal, Juraci Magalhães confessa ser um romântico e não esconde o saudosismo quando recorda as festas do Náutico Atlético Cearense, um dos clubes mais tradicionais da cidade, onde os bolerões das décadas de 50 e 60 embalavam os flertes de um grande galanteador. Tempo também do vento da esquina das ruas Guilherme Rocha e Major Facundo, quando espreitava o subir das saias das garotas.

Falando nisso, Juraci namorou todas, de A a Z, e escolheu como esposa a última do alfabeto: está casado há 36 anos com dona Zenaide, com quem teve um casal de filhos. Seu lazer atualmente está ligado a jogos mais tranquilos, como xadrez, damas e baralho, devidamente acompanhados pela "vitamina B-12" -- é assim que chama sua bebida preferida, Ballantine's 12 anos. Mas Juraci já foi bom de bola tanto no vôlei como no futebol, até que se machucou seriamente e abandonou as quadras.

O jogo mais atual de que Juraci participa é o jogo da sucessão ao Governo do Estado. O ex-prefeito garante que não é candidato, mas sempre que pode aparece em locais públicos, onde o sucessor Antônio Cambraia está inaugurando obras. Não é difícil encontrá-lo também em visitas sistemáticas ao interior. Novamente entra em cena a rixa com o ex-aliado Ciro Gomes e seu grupo, que vêem em Juraci uma ameaça concreta à hegemonia tucana no Estado. Juraci desdenha e faz piada da situação.

Entrevista com o ex-prefeito de Fortaleza Juraci Magalhães, dia 16/9/93. Produção:

Carla Soraya e Leonardo Pinto

Abertura: Carla Soraya Redação, edição e texto final:

Carla Soraya e Leonardo Pinto

Participação: Ana

Maria Xavier, Ana

Paula Farias, Carla

Soraya Florêncio,

Christine Rocha de

Azevedo, Cristiane

Parente, Djane

Nogueira, Eleuda de

Carvalho, José

Maurício Lima, Karine

Rodrigues, Leonardo

Pinto, Luciana

Queiroz, Luziania

Xavier, Mauro Costa,

Roberta Manoela

Foto: Jarbas Oliveira

A costumado com o anonimato político, Juraci Vieira de Magalhães, 62 anos, conseguiu com apenas um mandato de prefeito (cargo que assumiu por causa da candidatura de Ciro Gomes ao Governo do Estado), se tornar um dos homens públicos mais populares da história do Ceará. Juraci recebeu a prefeitura ofuscado pelo brilho de um jovem político em ascensão -- como era o caso de Ciro Gomes -- e conseguiu superar as melhores expectativas.

Hoje os dois, antes companheiros de chapa, são inimigos políticos e não sobram críticas quando um se refere à administração do outro. Mas os 30 anos que passou nos bastidores do MDB deram a Juraci a experiência necessária para, em seu primeiro mandato, agradar como poucos à classe média da cidade. Foi assim que Juraci levou por água abaixo os planos do PSDB e elegeu Antônio Cambraia como seu sucessor na prefeitura.

Juraci Magalhães não tem a política como profissão -- na verdade ele é médico, um dermatologista. E para chegar até Recife, onde se formou, com 23 anos, Juraci teve que enfrentar a



Juraci chegou para a entrevista em seu Opala cor vinho, pontualmente às duas e meia da tarde; estava corado e bem disposto.

Juraci vestia camisa de cambraia cáqui, calça social escura e trazia um lençinho azul de listras brancas em um dos bolsos.

Ao entrar na sala, o ex-prefeito se assustou com o número de gravadores: "É essa bateria toda? Como é que é?"

Juraci Magalhães

Entrevista -- Para começar, o senhor poderia recapitular sua saída do interior do Ceará, muito cedo, com dez anos e meio. Como é que foi essa separação da família? O senhor é uma pessoa muito ligada ao seu pai ou pelo menos deixa transparecer isso, fala sempre nele. Como é que foram a saída e a separação da família?

Juraci -- É, eu nasci na cidade de Senador Pompeu. Por questões políticas, meu pai foi transferido para a cidade de Jaguaruana quando eu tinha 5 anos de idade. E de lá, aos dez anos e meio... Porque naquele tempo era o exame de admissão, eu tive que aumentar a minha idade. Vocês podem entrar na universidade com menos de 18 anos. Na minha época era impossível. Fiz o exame de admissão, comecei no ginásio, comecei em Limoeiro... Depois devido àqueles problemas das doenças, da sezão, da malária da zona jaguaribana, eu tive que mudar para Fortaleza. E aqui comecei no Colégio São João, lá com o nosso professor (Odilon) Braveza e outros que a gente ainda se lembra bastante. Aliás, agora o colégio está sendo destruído, vão fazer um shopping center lá. Um colégio que tem uma vida formidável, que a gente fica recordando... E aqui eu terminei o Científico -- na época era Ginásio e Científico. Terminei o Científico e fui fazer o vestibular pra Medicina no Recife. A razão é que o meu pai nessa época já morava no Crato. Já tinha passado por Russas, tava no Crato. Já tinha um irmão fazendo Medicina no Recife e fui fazer o vestibular. Não tinha essas conversas de cursinhos aí, né? E nem tinha esse risca-risca, não. Era vestibular em que a Língua Portuguesa era essencial. A gente tinha que fazer dissertações e eram corrigidas. Se errasse o Português não tinha esse negócio de Inglês ou de outra língua pra poder eliminar, não. Era Língua Portuguesa mesmo. E aos 17 anos eu entrei na Universidade do Recife.

Entrevista -- Por que o senhor escolheu Medicina?

Juraci -- Bem, isso aí tem uma série de pensamentos meus. Primeiro, o meu padrinho de batismo era Alcides Barreira, médico, tem até dois filhos médicos hoje. E eu, na época, tive aquilo que se chamava de tifo, a febre paratifóide. E ele foi quem me salvou. E aí eu com aquela lembrança de criança, e tal... Depois, eu já tinha um irmão médico... Então, a gente vai seguindo... Eu gosto realmente da minha profissão. Na época até existiam esses exames psicotécnicos, né? E eu fui a um exame desses para saber e disse que eu dava pra

engenheiro ou dava pra médico. E agora eu tô entendendo porque nós fizemos tanta coisa em Fortaleza, né?

“Já tinha um irmão fazendo Medicina no Recife e fui fazer o vestibular. Não tinha essas conversas de cursinhos. E nem tinha esse risca-risca, não.”

Porque eu gosto também de Engenharia. Mas fui pro Recife, uma cidade formidável, grande. Ainda naquele tempo a menoridade era com 18 anos, ainda de menor... Mas concluí meu curso em 1954. E logo depois eu voltei pra minha cidade, pra Fortaleza, e tive uma satisfação muito grande. É que com cinco meses de formado me submeti a um concurso para Dermatologia, que era minha especialidade, e consegui ser aprovado, para o ex-IAPC.

Entrevista -- Por que Dermatologia?

Juraci -- Primeiro porque eu tenho muito medo desse negócio de cirurgia, certo? Eu não sou muito disso, não (risos). E a Dermatologia não mata. Pode não curar, mas não mata (risos).

Entrevista -- Mas voltando um pouquinho: como era a sua vida em Recife? O senhor morava em casa de familiares ou não?

Entrevista -- Antes disso, eu queria voltar mais um pouquinho. Eu queria saber quais foram os problemas políticos que estavam acontecendo em Senador Pompeu que forçaram a família sair de lá?

Juraci -- Naquele tempo existiam dois partidos: o PSD (Partido Social Democrático) e a LEC (Liga Eleitoral Católica). E o PSD foi o partido que deu origem à UDN; o meu pai era da UDN. E o pessoal lecionista ganhou o governo e então transferiu meu pai. Porque o prefeito de lá era esse meu padrinho, Alcides Barreira. E aí, por causa disso, transferiram meu pai pra não demitirem. Era um tempo ainda difícil, pelo menos me conta meu pai. Dormia naquele tronco dos cajueiros. Dormia todo mundo armado nas calçadas. Hoje a coisa tá bem mais diferente, porque nós gritamos, vocês gritam, mas também não vai na violência, não. Então, no Recife eu morei em pensão. Era o que eu tinha

direito. Existiam os cearenses, lá se juntavam muito. Por exemplo, o Djacir Paraíba era o presidente do Diretório Acadêmico. Nós fazíamos aquele grupo do Ceará. E morávamos em república, tipo pensão, até o quarto ano.

Entrevista -- Pensão mista?

Juraci -- Ah, tinha tudo. E era bom demais (risos).

Entrevista -- E foi daí que surgiu o grande namorado Juraci Magalhães?

Juraci -- Não, não é tanto, não, mas até era bom! Mas começou a dar briga aqui na Imaculada (Colégio Imaculada Conceição). Nós com os cadetes. Os cadetes ali queriam ser donos daquelas meninas da Imaculada e do colégio, do Justiniano de Serpa. E formavam-se os grupos. Eu morava... Nessa época eu era menino, mas até que a gente gostava disso... Morava ali na Franklin Távora e na Dona Leopoldina e tinha uns grupos... A gente fazia pressão em cima dos cadetes que as meninas gostavam muito.

Entrevista -- O seu tempo de Recife ainda. Quer dizer, o senhor morando sozinho, rapazote novo...

Juraci -- Novo, sozinho no meio do mundo acolá, perdido...

“No tempo a bebida era Rum Merino. (...) O pessoal diz que eu gosto de beber, gosto! É a coisa melhor do mundo. Não todo dia, naturalmente.”

Entrevista -- A pergunta é a seguinte: o senhor frequentou muito as "zonas" de Recife, com os amigos, os colegas? Começou a tomar umas bebidinhas nessa época?

Juraci -- É, porque quem sai de casa com dez anos e meio e volta com 23, se bem que formado, conhece esse mundo todinho. Recife, eu conheço ele demais. Inclusive agora, quando eu estive lá, eu fui fazer uma palestra pras Organizações Não-Governamentais, e fiz questão de ir lá pro Recife Velho, tá entendendo? Tomar lá umas biritas (risos) pra matar a saudade, tá entendendo? Então, a gente aprende tudo isso aí, certo? E eu comecei a trabalhar, disso eu me

orgulho. Então, quando eu comecei a ganhar dinheiro, já no quarto ano, aí a gente tinha uma vida boa. No dia que a gente recebia dinheiro era dinheiro muito! E no tempo a bebida era Rum Merino (*risos*). O pessoal diz que eu gosto de beber, gosto! É a coisa melhor do mundo. Não todo dia, naturalmente. Mas, a gente juntava aquilo ali — eu às vezes era o caixa, pra juntar aquele negócio — e íamos pra lá, pro Recife Velho. Era uma beleza.

Entrevista — O senhor começou a tomar gosto pela política nessa época também, não foi?

Juraci — Não, eu comecei aqui no Centro Estudantal Cearense. Naquela época existiam aqueles grupos. Do meu compadre Joaquim Figueiredo (*ex-deputado*), daquele Ximenes Correia, do Aquiles Peres Mota (*ex-deputado estadual*) e do Luís Edgard Cartaxo de Arruda. Então, eu fiz parte daquele pessoal que tinha as idéias assim... não digo tão avançadas.

Entrevista — O Aquiles Peres Mota tava nesse grupo também?

Juraci — No nosso, não. O grupo que estava sempre a gente acompanhando era do meu amigo Luís Edgard Cartaxo de Arruda. Até eu queria só passar pra vocês aqui uma informação: em 1966 se fundou o MDB aqui e eu fui o primeiro presidente. Então, um cidadão passou lá no 23 BC (*23º Batalhão de Caçadores*) e disse que eu era comunista por causa disso: primeiro porque fumava cigarro Hollywood — e eu fumava mesmo (*risos*). Depois porque era amigo dos amigos aqui, né? E aí citaram os nomes lá do Recife e tal. Então, eu estou só colocando essa lembrança.

Entrevista — O senhor, ainda em Recife, trabalhou em alguma outra coisa fora da área médica?

Juraci — Trabalhei a partir daqui. Com 14 anos de idade eu trabalhei na Cooperativa do seu Assis Barbosa e do Manuel Barbosa. Eu comecei a trabalhar aqui porque precisava. Eu quis fazer a nossa Praça do Ferreira porque era ali que eu morava. Na Pedro Pereira, número 2, onde tem o mercado. Ali, vizinho àquele posto. Então, a gente ia e voltava a pé dali até o colégio São João. Não era por outra razão não, viu? Dinheiro. E quando a gente voltava, ficava na Praça do Ferreira esperando dar aquela hora pra gente ir embora. Então, eu tinha aquela recordação enorme. Às 3 horas, eu, Sérgio Girão, Luís Carlos Fontenele, íamos lá para

a Praça do Ferreira pra bater aquele papo, falar, naturalmente, da vida nossa, da vida dos outros. Veio aí a tal da Redentora (*refere-se, ironicamente, ao Golpe Militar de 1964*) aí forma um bocado de caixa ali para impedir que um olhasse o outro. Então, assim que eu tive a oportunidade, convidei dois personagens formidáveis, o Fausto Nilo e o Delberg (*Ponce de Leon, ambos arquitetos*), e disse: “Vamos arrumar o Centro!” Fizemos aquele projeto da Praça do Ferreira, recuperando toda aquela situação da vida da cidade, daqueles lugares todos.

“Olha, eu nunca fui tão besta, não. (...) Tive aquelas paqueras, eu já tive clientes minhas que foram minhas namoradas do tempo... Mas isso é bom.”

Entrevista — Por falar em Praça do Ferreira e nas meninas da Escola Normal, o senhor fazia parte da turma que ia ver o vento levantar a saia das meninas?

Juraci — Claro que sim. Acabou-se aquele vento! Eu me lembro dessa época, na esquina da Guilherme Rocha, com a Major Facundo — aquela esquina ali, chamada “esquina do pecado”. As meninas tinham uma saia larga assim e o vento era favorável. Hoje não, os meninos não estão mais nem preocupados (*risos*). Mas brechar naquele tempo era ótimo.

Entrevista — Será porque as meninas agora usam mais calças do que saia?

Juraci — Sim, pois é essa dificuldade toda, né? Mas isso era uma época boa, tá entendendo? Eu acho que hoje dizer que os jovens estão mais avançados... Mas em todas as épocas tinham as idas e as vindas, né? Dependia de cada um.

Entrevista — E o Juraci namorador era avançado?

Juraci — Olha, eu nunca fui tão besta, não (*risos*). Não fui assim demais, mas eu gosto muito, quero dizer, eu gostava mesmo disso. Tive aquelas paqueras, eu já tive clientes minhas que foram minhas namoradas do tempo... Mas, isso é bom. Tem aquele diálogo, aquela discussão que

é o que eu acho que é o que às vezes falta aqui, principalmente nesse país. Eu sempre tenho dito que a imprensa não tá fazendo aquela comunicação, aquela opinião pública que todo mundo espera. Porque agora é que está entregando a vocês o direito de discutir. Discutir as maneiras de se comunicar, as maneiras de ser. Lamentavelmente vocês passaram esse tempo aí... Eu peguei duas ditaduras, uma eu era menino, no tempo do Getúlio (*Vargas — 1937-45*), rapazinho novo, de calça curta, e peguei essa outra aí agora. Essa agora liquidou, não deixou que ninguém liderasse nada. Daí por que de vez em quando estão atrás dos velhos de novo, né? Porque as lideranças não tiveram essa condição. Eu saía daqui pro Recife, pra ver meus colegas de turma, e nós não podíamos ficar mais do que dois. Porque em Recife era pior do que aqui. Recife teve aquele movimento de camponês, aquela coisa toda. Ali na rua Nova, na rua da Imperatriz, eu passava com um colega, ficava um de lado, o outro do outro, certo? Porque senão vinha um tapa, né? Tapa, telefone, aquelas coisas todinhas que só aconteciam no Recife, né. Um negócio sério.

Entrevista — O senhor falou aí de ditadura. Qual foi a atuação política do senhor durante esse período?

Juraci — Bem, como eu disse, eu fiz parte do Centro Estudantal Cearense. Depois, no Recife, eu fiz parte e fui representante do meu curso de Medicina, dentro do Diretório Acadêmico de Medicina. E como eu gostava mais disso, fui para o Diretório Central dos Estudantes, fui representante também. Porque lá, na época quando eu entrei, era Medicina, Odontologia e Farmácia num curso só. E era a maior representação que tinha. Então, nós tínhamos uma representação grande para disputar o Diretório Central. Então, eu fui pra lá. Depois vim pra cá e não pensei mais em política. Vim trabalhar como profissional. Quando foi em 1962, eu venho do Rio de Janeiro, sabendo, soube lá: juntou-se a UDN com o PSD. E eu disse: “Então ninguém vai ter direito a nada, né?” Aí quando eu desci aqui no aeroporto, meu pai tava lá e disse: “Como é?” E eu disse: “Já sou contra, eu já fui pro outro lado”. Aí fui. Fiz a campanha de Adahil (*Barreto, ex-deputado, já falecido*), nessa época. Nessa época que Carlos Jereissati (*pai, já falecido, do ex-governador Tasso Jereissati*) foi eleito senador, Adahil perdeu pro governo. Podia ser candidato a deputado também, aí ele foi. Quando veio a Redentora, em 1964, eu



Juraci teve acessos de tosse durante as duas horas da entrevista e por várias vezes retirou o lenço do bolso.

Quando fala, o ex-prefeito pontua cada palavra com farta gesticulação, franze constantemente o cenho e mexe o nariz.

As expressões “Né?”, “Certo?” e “Tá entendendo?” são frequentes no discurso de Juraci Magalhães.



Juraci agradeceu o convite e disse que se sentia honrado em transmitir suas experiências aos alunos de Comunicação.

Durante a entrevista, ele se serviu pouco dos salgadinhos que lhe foram oferecidos, preferindo beber Coca-Cola.

Nos namoros, disse que não era "tão besta" e foi "avançado" algumas vezes; tempos depois encontrou depois ex-namoradas no consultório.

chefiava um serviço no Estado. E eu como não topava o negócio mesmo, eu não queria, né... Eu sou contra o arbitrio.

“Castello Branco deu o direito de o país ser ‘mexicanalhado’, ter um partido do governo e outro contra. Eu fui pro contra, porque era contra o arbitrio.”

Entrevista -- Qual o serviço?

Juraci -- Um serviço de profilaxia de lepra, eu era chefe do Estado. Ai então, quando veio a Redentora, eu até disse a meu pai -- que a gente gostava muito de andar de branco, né? Médico tem essa besteira, paletó e tal. Ai eu cheguei lá e disse: “Papai, eu não quero mais conversa com essa história. Eu agora não uso mais paletó porque eles não merecem isso, né?” E me afastei, pedi demissão de lá, e fui trabalhar. E trabalhar junto com uns colegas conversando e tal, sobre o regime muito difícil... Mas a gente sempre achando que o presidente Castello Branco era bom, ele fez uns projetos sociais bons, o fundo de garantia... O erro dele foi entregar o governo pra gerenciar, né? Quando foi em 66, o presidente Castello Branco deu o direito de o país ser “mexicanalhado”, quer dizer, ter um partido do governo e outro contra. Ai eu fui pro partido contra, porque era contra o arbitrio. E fui fundador do MDB. Eu, o deputado Martins Rodrigues, o Paes de Andrade (*ex-deputado*), Castelo de Castro (*ex-deputado, já falecido*), Mauro Benevides (*senador pelo PMDB*), Iranildo Pereira (*ex-deputado estadual*), Chagas Vasconcelos (*ex-deputado*), tem um bocado de nomes aí. O guarda chuva era grande. Todo o pessoal que hoje é intitulado mais de esquerda, tava todo mundo junto.

Entrevista -- O senhor chegou a ser preso?

Juraci -- Não. Mas quase... Ai nós formamos o MDB. E por cargas d'água eu fui presidente do partido aqui, em 66. Até uns familiares meus chegaram para mim: “Você, num negócio desses! Já vem aí o Costa e Silva...” Ai eu dizia: “Ué, mas esse presidente não disse que tinha direito a dois e um profissional liberal não podia ser”, ai eu entrei e fui

presidente do partido. Eu não fui preso não, mas o meu nome passou pelo 23° BC da seguinte maneira: eu gostava duma brincadeira para disputar quem pagava o cafezinho. Era aquele riscazinha: cada um botava um numerozinho aqui e riscava. Eu tava aqui no Centro da cidade e fui brincar, e não sabia que tinha um major perto de mim. Ai eu disse pro meu amigo: “Você sabe o que é sapuruga”? Ai ele disse: “Não”. “É filho de sapo com tartaruga. É o Castello Branco.” (*risos*) Fui chamado no 23° BC, para saber o que era aquilo, né? Mas aí não houve nada, não. Sempre a gente tem amigos, clientes... Um cidadão até da Adesg (*Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra*) foi lá no meu consultório, ai depois chamou esse major, foi me apresentar... E eu disse que foi só uma piada, mesmo porque o bicho era feio e andava devagar (*risos*).

Entrevista -- Antes de entrar mais nesse campo da política, eu gostaria de saber mais coisas do senhor mesmo, da sua juventude... Por exemplo, em relação à música. Eu li uma reportagem no jornal que o senhor gostava muito de dançar com a dona Zenaide, no Ideal Clube. Que tipo de música o senhor curti quando tinha 17, 18 anos?

Juraci -- Quando a gente ganhava esse dinheiro, tinha aquelas eletrolas bem grandes, em que os discos eram colocados assim (*na vertical*), certo? A gente chegava ali e comprava as fichas. Como nós éramos aqui do Ceará e gostávamos muito de baião, tinha uma determinada hora lá em que a gente já tinha tomado duas doses e botava Juazeiro um atrás do outro pra espantar a freguesia, pra gente ficar só com as meninas (*risos*).

“ Eu disse pro meu amigo: ' Você sabe o que é sapuruga '? Ele disse: ‘ Não ’. ‘ É filho de sapo com tartaruga. É Castello Branco. ’ Fui chamado no 23.º BC. ”

Entrevista -- O senhor ainda hoje gosta de baião, de música nordestina?

Juraci -- Gosto, gosto.

Entrevista -- E ainda dança?

Juraci -- Danço.

Entrevista -- Forró?

Juraci -- Gosto. E danço. Eu só não aprendi foi lambada (*risos*). Agora tanto um forró como bolero, ou fox... aquilo ali eu gosto. Eu aprendi e valsa, né?

Entrevista -- E o bolero? Como foi que o bolero entrou na vida do Juraci?

Juraci -- Ah, o bolero é bom! O bolero tem a posição da mão do parceiro e da parceira que é um espetáculo, né? Você sabe que a gente dançava, puxava a mão aqui, puxava lá, certo? Dependia se você queria mais perto ou mais longe (*risos*).

Entrevista -- Como profissional de Medicina, o senhor falou pra gente que trabalhou no Departamento de Lepra...

Juraci -- É, no de profilaxia, isso já depois de médico.

Entrevista -- Exato, depois de médico. E como é esse serviço, já que a lepra é uma doença assim tão estigmatizada na sociedade. Como é que fica o trabalho de um médico nessa área?

Juraci -- Bem, isso aí é uma coisa que você faz bem em explicar. A lepra não é um problema mais médico, é problema social. É um estigma. Ainda hoje de manhã, um cidadão queria apresentar um projeto, é, no sentido de discriminar o aidético. Eu digo: “Negativo”. Nos idos de 1930 até 1950, o leproso foi discriminado, era segregado. Estão aí as colônias hoje, o governo gastando um dinheirão danado, sem razão nenhuma, não precisa. Existem aí aquelas seqüelas, aquelas coisas todas. Mas depois, inclusive, quando o doutor Tancredo (*Neves*) assumiu naquela interinidade do parlamentarismo do Jango (*ex-presidente João Goulart*), ele aprovou um trabalho feito pelo Orestes Diniz. Eu trabalhei nesse serviço de campanha nacional...

Entrevista -- Orestes...?

Juraci -- Orestes Diniz. Era um cidadão mineiro, amigo do Juscelino (*Kubitschek*) e que foi o chefe do Serviço Nacional de Lepra. Bem, tudo isso aí foi feito, o despidamento -- quer dizer, que é o mais importante, que é o diagnóstico precoce da doença. Então, você dava um diagnóstico. Apenas em cada 100 casos, você tem 2% a 3% da forma que contagia. Então, é muito fácil você tratar. A população, ela é resistente.

“Primeiro eu gosto da minha profissão e a exerço com uma satisfação muito grande. Eu exercito mesmo e gosto. Depois, eu não dou pra parlamentar.”

A população acima de 12 anos hoje, tá em 80 por cento de resistência. Dando o diagnóstico, não havia porque segregar. Daí por que hoje eu disse a esse cidadão: “Não vá segregar o aidético; todo hospital tem que receber o aidético. Tem que tratar a pessoa como ela é, uma pessoa humana. Se fizer isso, mais tarde vai ficar marcado”. É o estigma que tem hoje a hanseníase. Mudou-se de nome, de lepra pra hanseníase, MH (*Mal de Hansen*), essas coisas todas, mas não tira aquilo da mente do povo, porque é uma doença que desde a Bíblia que se falava nela, né?

Entrevista -- O senhor militou muito tempo na política, mas nos bastidores, ou pelo menos em nenhum cargo eletivo. Eu quero saber se naquela época o senhor já tinha ambição de algum cargo eletivo? O senhor já pensava em ser prefeito? Se sim, por que demorou tanto?

Juraci -- Primeiro é o seguinte. Realmente eu sempre trabalhei. Em 66 eu fui presidente (do MDB). Naquele tempo, só podia ser candidato ao Senado, que era a única eleição direta que tinha o direito de ser disputada. O resto tudo era um caboclo de cinco estrelas que botava um de três pra governador, outro botava o prefeito acolá como secretário. Em 1974 eu era vizinho de Mauro Benevides. E Mauro saiu pra candidato ao Senado. Me convidaram pra eu ser candidato a deputado porque ele não queria colocar o pai dele como candidato. E eu não concordei. E ele foi lá na casa de papai. Sabia que o papai era político. “Mauro, depende de um consentimento e eu não vou.” E, em 1979, já era o PMDB, eu voltei para ser presidente, 79 a 83. A Maria Luíza (*Fontenelle, deputada federal*) era secretária, o Fausto Arruda (*ex-deputado estadual, já falecido*) era tesoureiro, Narcílio (*Andrade, vereador*) o vice, e o Araújo de Castro (*ex-vereador*) era o líder. Daí você está vendo que tinha diversos partidos

aí, nasceu tudo aí desse guarda-chuva. Mas também não concordei em ser candidato, certo?

Entrevista -- Por quê?

Juraci -- Primeiro eu gosto da minha profissão e a exerço com uma satisfação muito grande. Eu exercito mesmo e gosto. Depois, eu não dou pra parlamentar. Eu nunca gostei realmente... Gosto de política, mas não de ser parlamentar. Também não esperava ser prefeito. O que foi que houve? Em 1986, foi lançada a candidatura do doutor Tasso (*Jereissati, presidente nacional do PSDB*) ao governo do Estado. E disseram pra ele que eu conhecia Fortaleza, que eu conhecia a política de Fortaleza. E, uma noite, eu fui lá para a casa dele. Eu e o Mauro fomos para lá, e tava ele e o Sérgio Machado (*deputado federal pelo PSDB*). Então começamos a conversar sobre política essa coisa toda. Aí ele disse: “Como é a política de Fortaleza?” Eu fui e dei uns toques. “Eu quero que você vá coordenar a campanha aqui, pronto.” Aí eu digo: “Tá certo, agora me dê permissão”. Eu fui lá pra um lugar, aí escrevi as condições em que podia ser feito, o organograma da campanha. E foi aceito. Lancei o meu pensamento de como devia ser a campanha do doutor Tasso aqui em Fortaleza. Aí botei em cima: “Projeto Avon”.

Entrevista -- Avon? De porta em porta?

Juraci -- Avon, de porta em porta, que ninguém conhecia ele. Precisava levá-lo a todos os lugares. E fui mostrar a ele na prática. Ele considerou aquilo e saiu no nosso carro. O Assis Machado (*presidente do PSDB-CE*) guiando, o Tasso do lado direito, o Sérgio ali e eu. Aí chegamos lá no Montese, ali perto do Café Guimarães. Aí pedi: “Assis, pára aí”. Chamei uma senhora, ela olhou assim pro doutor Tasso, o Tasso olhou. “A senhora conhece o nosso candidato, o doutor Tasso Jereissati?” Ela cuspiu na cara dele e disse que não sabia quem era. Aí eu disse: “E sabe onde é a casa do vereador Narcílio Andrade?” “Sei, é aquela melhor casa que tem na Avenida Expedicionários.” Quando nós saímos eu disse: “Tá vendo como é que é a história?” Aí o projeto é esse: Avon. Tinha que mostrar, de casa em casa. E nós fomos bem sucedidos. Eu tinha prometido inicialmente que ele ia ganhar por 150 mil votos aqui e ele acabou ganhando por 350 mil. Eu tava nessa época no primeiro cargo público que eu assumi de chefia: Superin-

tendência da Previdência Social, que hoje é o INSS, né? Era INPS. Aí fomos lá para a casa do doutor Expedito (*Machado, ex-deputado e ex-ministro da Viação e Obras Públicas de João Goulart, pai do deputado Sérgio Machado*). E os vereadores -- porque eram 33, mas 26 estavam envolvidos na campanha, né? -- acharam de apresentar meu nome para o Tasso para eu ser secretário da Ação Social. Não sei se era porque eu gostava mesmo de fazer esse movimento, né? Mas quando eu cheguei na casa do doutor Expedito, ele me chamou assim e disse: “Jura, você tá aqui pra modo ser senador”. “Não, eu não quero, eu já sei como é a história, eu quero ficar é lá no INPS.” O Tasso disse: “Bom, tá resolvido”. Quando foi em 88, eu lhe digo que era um dia de quarta-feira, dia 7 de julho... Eu tô lá na Previdência, o Sérgio Machado me telefona. “Jura vem almoçar aqui comigo”. Lá no Cambéba. E eu fui. Quando cheguei lá era sempre aquele grupo, Tasso, Sérgio, Assis e eu.

Entrevista -- O senhor não usava camisinha de listra não, usava?

Juraci -- Hum?

Entrevista -- Aquela camisinha de listra?

Juraci -- Não. Eu quem fui que ensinei a eles como era. A listra era minha. Só que eles usavam azul e a minha era vermelha.

Entrevista -- Algum motivo especial? Alguma explicação?

Juraci -- Pra vermelha?

“Você quer fazer de mim o que a Maria Luíza fez com o Américo Barreira? Então mande uma mensagem criando o gabinete da Vice-Prefeitura.”

Entrevista -- Sim.

Juraci -- Era porque eu tenho nojo dos outros... Bom, é brincadeira, o que estou dizendo aqui. Bem, é que eu tenho raiva daquele que é prepotente. Eu não tô dizendo que eu não gosto de vermelho... É que eu tenho raiva daquele cidadão que acha que é o dono do mundo. Mas na verdade é só a listra.



Quando estava em Recife, ele e os amigos gastavam dinheiro com fichas de eletrola; matavam as saudades do Ceará ouvindo “Juazeiro”.

Assustou-se novamente com os gravadores e interrompeu uma resposta, quando alguns deles começaram a disparar.

A ponta do indicador da mão direita de Juraci tem uma mancha amarelada, característica de fumantes assíduos.



Apesar de ser um fumante assumido, o ex-prefeito pediu licença para acender apenas um cigarro durante a entrevista.

Um único cigarro aceso, Juraci fumou-o até o filtro; na última tragada já estava apagado.

Após a entrevista, o ex-prefeito continuou a conversa e contou algumas piadas para os alunos, dentre elas a do "apatossauero".

Entrevista -- Até certo ponto, seu sucesso na prefeitura estava arquitetado? Quer dizer, o senhor demonstrou, pelo que já relatou, que já conhecia bem a fundo. O senhor já esperava, quando assumiu a prefeitura, fazer...

Juraci -- Não. Realmente aí tem as partes, né, que eu vou chegar... Quando chegou lá o doutor Tasso perguntou: "Como é que vai o resultado?" Aí começou a perguntar mais alguma coisa a respeito. Ele disse: "Saia que você vai ser candidato a vice-prefeito". Aí o Sérgio foi e disse: "Vá entregar o INPS, diga que vai ser candidato a vereador". Aí eu disse que precisava de tempo. No dia seguinte, quinta-feira, eu reuni meus irmãos lá em casa. E liguei para o Mauro dizendo que tinha havido isso. O Mauro me telefonou sexta-feira, lá pro consultório, e disse: "E você quer ser?" Aí eu digo: "Quem é que não tem vaidade de ser?" Pois a conversa todinha é essa aí. Num sábado nós definimos isso lá na casa do Sérgio, na segunda-feira eu viajei e entreguei meu cargo dia 11. E fui trabalhar a Região Metropolitana. E aí fui prefeito, vice-prefeito. Quando nós assumimos eu fui lá ao doutor *Ciro (Gomes, governador)* e perguntei a ele: "Você quer fazer de mim o que a Maria fez com o Américo Barreira (ex-vice-prefeito na gestão Maria Luíza)?" Ele disse não. "Então mande uma mensagem na Câmara criando o gabinete da Vice-Prefeitura. Porque eu vou querer trabalhar, né?" E fizemos um gabinete com 12 pessoas, quase todas da Prefeitura que eu conhecia, e começamos no centro da cidade a buscar, pesquisar, certo? Começamos a ver como moravam quatro tipos da família em Fortaleza.

Entrevista -- O senhor fez esse levantamento enquanto era vice-prefeito do *Ciro*. O senhor já tinha a preocupação de que pudesse vir a ser o prefeito da cidade?

Juraci -- Não. Primeiro, porque -- eu digo sempre -- eu não era vice do Tancredo (risos), certo? Mas eu tinha que substituí-lo em algumas oportunidades que ele me deu. Esse grupo que trabalhava comigo era um grupo muito bom, um grupo de jovens, e queria trabalhar...

Entrevista -- E quem era...

Juraci -- Hum?

Entrevista -- E quem era o grupo?

Juraci -- Afora o Gerardo Campos, é da minha idade, era uma turma

todinha de jovens da prefeitura. Era advogado, era economista... Tinha também pessoal da Psicologia, que estava abandonado, lá na prefeitura...

"Ele foi lá em casa, me cantar pro segundo turno, achando que ia disputar com o Lúcio. Eu digo: 'Doutor Tasso, o senhor vai disputar é comigo'."

Entrevista -- Tinha jornalista abandonado também?

Juraci -- Não, mas era esse pessoal assim. Esse foi o pessoal que trabalhou comigo. Tudo jovem. Fora eu e o Gerardo, abaixo ou em torno de 30 anos.

Entrevista -- O seu relacionamento com o pessoal hoje do *Cambeba*... O que a gente pode concluir aqui é um relacionamento normal. Onde é que houve essa ruptura e por que hoje isto está como está?

Juraci -- Ainda hoje, eu e o Tasso temos um relacionamento muito bom. Na campanha mesmo. Ele foi lá em casa, já tinha ido lá, foi pra me cantar pro segundo turno, achando que ia disputar com o Lúcio (*Alcântara, vice-governador*). Eu digo: "Doutor Tasso, o senhor vai disputar é comigo". Ele disse: "Jura, ninguém transfere voto." Eu digo: "Mas esse trabalho tá aí, certo?" Mas eu até hoje não sei qual a razão do doutor *Ciro* ter se preocupado comigo e estar se preocupando muito ainda. Porque ele não encontra nenhuma razão para explicar ao pessoal do PSDB porque foi que perdeu a eleição em Fortaleza.

"O candidato era o Sérgio. Aí então eles resolveram passar o *Ciro*, porque tava dando aquela figura colorida, né? Como deu o Collor. O povo tava querendo."

E eu digo muito fácil, por que fui eu que ganhei. Porque política se escreve com quatro letras: V-O-T-O. Quem

tem voto é quem ganha. E quem ganha é porque tem o povo do lado. Então pronto, para ganhar é fácil explicar. Agora, pra perder... Olhe, naturalmente foi isso que realmente ocorreu. E ele era do meu partido. Ele foi eleito pelo PMDB. Ele disse que eu o havia traído. "Traiu você, que saiu, e o Tasso."

Entrevista -- O senhor aceitou ser candidato a vice-prefeito do *Ciro Gomes*. Em algum momento ficou explícito que dois anos depois ele sairia para o governo do Estado e o senhor assumiria a Prefeitura?

Juraci -- Não, não... Ele foi candidato ao governo do Estado. Primeiro, a pesquisa em janeiro dava uma previsão direcionada para ele. Desejava a população um cidadão jovem, inteligente. O Sérgio (*Machado*) não emplacou na pesquisa, porque o candidato era o Sérgio. Aí então eles resolveram passar o *Ciro*, porque tava dando aquela figura colorida, né? Como deu o Collor. O povo tava querendo, acho que porque era mais jovem. Agora, tenha cuidado, viu, que jovem vai viver muito (risos).

Entrevista -- Gostaria de voltar aqui um pouco à campanha do Tasso. As pessoas que estudam o fenômeno Tasso Jereissati atribuem sua vitória em cima dos coronéis, primeiro ao dinheiro do CIC (Centro Industrial do Ceará) -- o grupo empresarial que o apoiava. Segundo, à mídia. Mas, pelo que se falou, a vitória do Tasso está creditada ao trabalho de porta em porta, organizado pelo senhor. O senhor credita a vitória do Tasso ao seu trabalho?

Juraci -- Não. Olha, é o seguinte. Isso aí foi uma maneira de eu explicar. Ele era uma pessoa carismática, odiava político e estava contra os coronéis. Tinha, naturalmente, o respaldo de dinheiro -- e político precisa também. E mesmo sendo conhecido, ninguém o maltratava. Agora, ele precisava era ser conhecido fora do ambiente de trabalho dele. Ele é uma pessoa tímida, e às vezes não gostava. E começamos a marcar encontros, em bairros, em que tinha 50, 60, cem pessoas e ele ia se familiarizando. De maneira que não foi isso aí, não. Foi esse conjunto.

Entrevista -- Além do Plano Cruzado, né?

Juraci -- Sim, aquela é outra vantagem, certo? É outra vantagem. Porque em política você ganha naturalmente, dependendo da organização -- que realmente eles

são organizados. Só que nós ganhamos essa eleição agora porque nós não éramos organizados, nós éramos um organismo, certo? Que é diferente. Na hora eu dizia, isso até na brincadeira: isso é um organismo tão completo que na hora de mijar, a bexiga tá cheia. E dava tudo certo (risos).

“Claro que ele tinha essa pretensão e tinha até esses valores que ele tem, certo? Só que o partido dele não tem condições. Não tem pena, só tem bico.”

Entrevista -- Então dava tudo certo?

Juraci -- Sim, nós não éramos organizados, ninguém tinha organização. Eles são organizados, tinham dinheiro e tinham carisma. E um projeto. Que você sabe que valeu.

Entrevista -- Mas não tinha voto.

Juraci -- O voto ele foi buscar, né? Porque ele realmente não era conhecido. Pouco a pouco ele foi se adaptando àquela situação, àquela vivência e é fácil. O povo é bom...

Entrevista -- O senhor acredita que ele (Tasso) algum dia possa chegar à Presidência da República?

Juraci -- Claro que ele tinha essa pretensão e tinha até esses valores que ele tem, certo? Só que o partido dele não tem condições. Não tem assento para presidente. Não tem pena, só tem bico (risos).

Entrevista -- O senhor resumiu a eleição para a prefeitura com “Ganha quem tem voto”. E disse que tinha voto. Dá pra esconder, diante disso tudo, que o senhor é o candidato mais forte ao governo do Estado em 94? Ainda dá pra desmentir?

Juraci -- Dá! (risos) Eu não tenho nada a ver com isso aí não. O que eu disse é que ganha quem tem voto. O que foi que ocorreu na eleição passada para prefeito? Nós fomos a 148 comícios. A gente só tinha 5 minutos de televisão. Eles tinham 29. Nós não tínhamos dinheiro. Quando eles fizeram Chitãozinho e Chororó, eu contratei Pacajus e Chorozinho (risos). A gente tinha que encarar essa na conversa, né? Aí foi corpo a corpo. E sentindo aquela espon-

taneidade. E nós começamos a mostrar à população que no dia se convenceu de que Cambraia ia dar continuidade a esse trabalho. E que o Cambraia tinha três qualidades na letra S. Não era sacana, nem era safado, eram outras três qualidades.

Entrevista -- Quais?

Juraci -- Um camarada simples, sincero e solidário.

Entrevista -- Sabido não?

Juraci -- Também (risos). Enquanto que outros candidatos foram para a letra B, né? Era o barulhento, bonequeiro, botocado, essas coisas todinhas, né?

Entrevista -- Botocado?

Juraci -- Sim, porque você sabe que os tupiniquins perderam pros botocudos. Eles bateram em cima, derrubaram o Lúcio e polarizaram a campanha. Isso foi um erro político.

Entrevista -- O senhor achava que essa campanha se definiria no primeiro turno logo, do jeito que foi?

Juraci -- Claro. Nós dizemos isso aí por uma razão muito simples. E vou lhe explicar por quê. Quem era que podia disputar, dentro de uma determinada área da cidade, no voto? Lúcio e Cambraia. Eles pensaram que o Lúcio era mais forte, aí na segunda semana quebraram o Lúcio. Aí então, todo aquele pessoal começou a vir pra cá. Polarizou, não dá certo! Eu sei que agora, por exemplo, se houver a polarização... Não houve a polarização Lula-Collor e acabou saindo Collor? Então, não dá certo. Eu disse agora em Brasília. Tem que ter um carbono bom e novo pra ter a terceira via. Porque senão vai polarizar de novo entre dois, que talvez não sejam o ideal.

“Não houve a polarização Lula-Collor e acabou saindo Collor? Então, não dá certo. Eu disse agora em Brasília. Tem que ter um carbono bom e novo pra ter a terceira via.”

Entrevista -- Ainda na campanha para prefeito, o senhor falou, antes de deixar a prefeitura, que seu

sucessor não seria uma pessoa conhecida, mas teria que ter uma história a contar. Qual a história que tem o prefeito Antônio Cambraia?

Juraci -- Bem, primeiro, a primeira versão eles fizeram do Cambraia sargento. Ali foi uma versão horrósa, porque eles queriam

“Ele achou por bem deixar o PMDB porque se adaptava lá no ninho, unindo-se à social-democracia que não existe, pelo menos na minha ótica.”

colocar o Cambraia como um sargento que tinha dado pancada nos outros. Mas eles não sabiam que era o Cambraia um sargento monitor da Escola Preparatória de Cadetes. Quer dizer, um camarada dentro de um certo nível, entendeu? Aí quebrou. A outra, disseram que o Cambraia era uma pessoa que eu tinha tirado do meu bolso, era um boneco. Quebrou. Nós mandamos insuflar uns bonequinhos e começamos a distribuir com os meninos e pronto. O negócio se chegou e os meninos chegavam e diziam: “Pai, mãe, avó, vote no Cambraia”. E é um camarada simples. Então, o povo começou a acreditar, porque senão como é que você ia votar no secretário de Finanças, que é aquele que toma o dinheiro? E depois eu dizia sempre: “Estou fazendo isso aqui com o seu dinheiro, mas graças a esse cidadão aqui, que ele guardou e não estragou o dinheiro da Prefeitura”. Tanto é que eu só vim saber do saldo da Prefeitura no dia que ele saiu, 2 de julho. Ele tinha 200 bilhões em dinheiro guardadinho ali, certo? Contadinho, na financeira. Isso significava 40 milhões de dólares. Aí eu digo, ora, vou deixar esse dinheiro pra quem? Vou gastar. Aí taquei o sarrafo. De julho em diante, botei o IJF pra frente, os trabalhos de manhã, de tarde e de noite. Aí fazia viaduto que nunca ninguém ia fazer. Fazia ponte, alargava rua, desapropriava.

Entrevista -- Não sei se o senhor concordaria com isso: o Ciro falou que o senhor teria dito que a prefeitura estava com caixa zerado e que ele (Ciro) não tinha deixado



Entre os momentos de descontração destacam-se aqueles em que ele falou sobre a mocidade.

Para marcar a entrevista com Juraci, a equipe de produção manteve vários contatos por telefone.

Já a reunião de pauta da entrevista do Juraci durou quase duas horas.



Houve um momento durante a entrevista em que Juraci pediu para os gravadores serem desligados.

Foi justamente quando falou sobre o Governador Ciro Gomes.

Juraci diz gostar da profissão de médico, mas a política faz os olhos dele brilharem.

dinheiro pro senhor. Talvez esse tivesse sido o início do conflito?

Juraci -- Não, de maneira nenhuma. O caixa tem dois lados, tem o crédito e o haver. Ele publicou, no dia 30 ou 31 de março, não me lembro bem a data, só o caixa que tinha dinheiro. Ele não publicou o outro, que estava devendo. Então, no dia 2 de abril, quando eu recebi a prefeitura, ele já tinha tirado o dinheiro pra Sumov (*Superintendência Municipal de Obras e Viação*), o dinheiro pra Emlurb (*Empresa Municipal de Limpeza e Urbanização*). Tirou isso da sexta-feira pro sábado, ele e o Maurinho (*Mauro Benevides Filho, ex-secretário municipal de Finanças, deputado estadual pelo PSDB e atual secretário de Governo*). Pagando as contas das empreiteiras, tirando o dinheiro do funcionário, que era mais de 60% daquele dinheiro que estava em caixa. De maneira que, quando que peguei a Prefeitura, ela estava com um déficit de 1.670.000 cruzeiros.

Entrevista -- Falando do Maurinho, como é que o senhor vê a ida dele pro lado oposto ao do Mauro Benevides? O senhor é um cara fiel ao seu partido, fiel a seus amigos, é amigo e companheiro de partido do Mauro. Como o senhor avalia essa mudança de lado do filho dele?

Juraci -- Bem, é um direito...

Entrevista -- Só complementando essa história: o Maurinho passou para o PSDB e todas aquelas pessoas que o senhor têm combatido, da época da "Redentora", estão do lado do senhor lhe apoiando contra o Cambéba. Como é que o senhor analisa essa reversão de polaridade? Hoje está aliado com Aécio de Borba, Aquiles Peres Mota.

Juraci -- Bem, o direito de ir e vir, que é garantido pela Constituição, o direito de professar a religião, a política, não tem sexo, não tem cor. Então, ele achou por bem deixar o PMDB porque se adaptava mais lá no ninho, unindo-se à social-democracia que não existe, pelo menos na minha ótica. E naturalmente, tá lá, tá tudo bem, o pai continua presidente do PMDB, continua líder do PMDB no Senado, continua a dizer que é do Partido e que se for permitido vai ser candidato à reeleição ao Senado. Até já perguntaram a ele e a mim se o filho fosse candidato o que é que ele faria. Mas esse mesmo direito de ir e vir é aquele que você falou agora, da antiga Arena, do antigo PDS, PFL, essa coisa. O governo do doutor Ciro, se não me engano, é quase todo como

ele, remanescente da Arena, do PDS. Não tem diferença nenhuma daquele tempo quando diziam que os deputados do (*ex-governador*) César Cals cabiam num Jeep. Então, os outros ficaram órfãos. Ai acharam que era uma opção. Votaram, então, para prefeito. Eles me apoiavam na Câmara, mas sem nenhum compromisso. Agora não sei, todos eles dizem que vão apoiar o candidato de oposição ao governo.

Entrevista -- E o senhor aceita de bom grado essa coisa?

Juraci -- Olha, dizia o doutor Tancredo Neves que político que não quer voto é burro. Ele dizia isso: "Meu filho, político quer é voto".

Entrevista -- E eles têm voto ainda?

Juraci -- Têm voto e mostraram aqui (*na eleição de 1992*).

Entrevista -- O senhor falou há poucos minutos que não existe a social-democracia. Mas em entrevista publicada no jornal O Povo, em 24 de fevereiro de 1991, o senhor disse o seguinte: "Sou do PMDB, daquele que faz, propaga e pratica a social-democracia"...

“ Já tem o grupo do PMDB, que quer o voto distrital misto. Quer um parlamentarismo fajuta, porque não tem oposição nem alguma coisa de uma idéia realmente. ”

Juraci -- Mas eu disse no PSDB do Brasil. Eu tô dizendo que não existe social-democracia brasileira. Quer dizer, o PSDB. Qual é? Não vamos para programa, não. Escrever, todo mundo escreve. Eu quero saber é praticar, vontade de fazer. Qual é o projeto que tem dentro do PSDB, que é muito bem escrito, feito na prática? Qual foi aquele que buscou dar valor ao trabalho? Vê se tem alguma prática de algum deles aí. Não tem. Então, tô dizendo que não existe. Ai não sei se ela é social-democracia marrom, né, ou amarela, ou preta. A gente não sabe. Não tem acordo. Isso é que eu vejo. Como é que se pratica uma social-democracia e sai daqui aliciando prefeito? Como é que se descarta aquele que perdeu a eleição?

Como é que você pode admitir, se chega lá no município e diz: "Olhe, você tem candidato pelo PSDB mas perdeu e eu só quero quem ganhou". Ai chuta o sujeito e pega o prefeito novo que ganhou. Eu não tô entendendo essa prática, entendeu?

Entrevista -- Então o senhor poderia nos dar um exemplo de social-democracia dentro do PMDB, contrário a esses termos que está expondo. Dentro do PMDB, em todo o Brasil, com toda essa diversidade de pessoas, de idéias, de políticos, ninguém tem essa mesma prática que existe no PSDB hoje no Ceará como o senhor está falando?

Juraci -- Olhe, é o seguinte: se nós formos analisar as lutas de resgate da cidadania, vários partidos participaram, mas a maior bandeira foi desfraldada pelo PMDB, com o cidadão chamado Ulysses Guimarães. Foi ele que foi até anticandidato pra poder lhe dar o direito de ser cidadão. Com todas aquelas lutas, inclusive essa última agora, que participou e enfrentou, foi essa do impeachment do Collor. Mas falta uma discussão direta, com o segmento da sociedade civil... Isso aí é pecado, pecado de todos os partidos, por isso é que existe pouco partido aí. Pra dizer como deva se comportar em todos os procedimentos, que tenha que tomar uma atitude, certo? Daí porque, e aí é onde eu acho que nós praticamos a democracia, nós tamos todo dia brigando aí e a imprensa diz mesmo o PMDB tá rachado, tá brigando, Porque realmente continua ainda o movimento, ainda continua à frente, certo? Buscando esse caminho. E, naturalmente, você encontra. Quantos não se acoplaram depois, né? Que já foram de outros partidos. Agora mesmo nessa reforma eleitoral, certo? Tinha um pessoal aí, ligado a essa social-democracia e queria apertar aqui e deixar quatro ou cinco partidos só no país, certo? Enquanto que o PMDB foi o primeiro que assegurou pelo menos dois partidos que têm idéia, fora o PT, porque o PT tem representatividade, né? Mas o PCdoB e o PPS, que continuassem a ser partidos políticos, qualquer que fosse a dimensão dada à representatividade. Isso aí já é um avanço. Exemplo: a social-democracia quer um voto distrital puro. Isso significa martelar o direito da minoria. Já tem o grupo do PMDB, que quer o voto distrital misto. Quer um parlamentarismo fajuta, porque não tem oposição nem alguma coisa de uma idéia realmente.

Entrevista -- Quer dizer que são utópicos?

Juraci -- Eu não digo tanto, mas tá faltando o que tá escrito, a vontade de fazer. Porque é isso que tá faltando. Pode ir lá, chega e diz: "Não tem mais estabilidade do servidor público". Claro, não vou dizer que não tenha direito ou não, né? Mas prove qual é a dificuldade aí, da estabilidade do servidor público. Será que é o tratamento que é dado a ele? Como que foi dado àquele que trabalha, permitindo que o outro entrasse pela porta da cozinha e não pela porta da frente, certo?

Entrevista -- *Existem muitas críticas na imprensa ao senhor tanto como homem público como a sua própria pessoa. Apesar dessas críticas o senhor se sente realizado?*

Juraci -- Eu digo como o meu pai: "Meu filho, a medida do ter nunca enche, mas encha a sua". E vai encher a minha, certo? Eu me sinto realizado como profissional. Primeiro porque desde o primeiro dia eu enfrentei o concurso público e título de especialista. Depois enfrentei um cliente, que quando eu deixei a prefeitura... Eu tenho lá ainda, ultrapassado a casa dos 40 mil. Cliente que paga ou que não paga nada. Quer dizer, sem ter nenhum credenciamento. Eu não fiz o credenciamento porque eu acho que não tem preço, certo? O negócio é 10 mil réis, tem que ser 10, você não pode fazer por 5. Faz por 5 tudo ou por nada, ou tudo por 10. Quer dizer, a qualidade tem que ser da prestação de serviço igual para todo mundo. De maneira que, profissionalmente, eu me sinto realizado e gosto da minha profissão.

“Naturalmente alguém vai provar perante a Receita que tem dinheiro para pagar. Perder oportunidade de aceitar um convite desses, eu não posso de maneira nenhuma.”

E voltei pra clínica. E voltei mais ainda, posso dizer, porque eu tenho vergonha de mostrar meu contracheque de aposentado da Previdência Social. Não dá condições de eu morar lá naquele prédio, nem de comprar de novo o apartamento, que eu comprei em 1980, certo? Então o negócio foi se

agravando. mas eu tô tranqüilo, que a vida que eu quero é essa mesmo.

Entrevista -- *Quando deixou a prefeitura o senhor primeiro disse que iria abandonar a política e partir para reestruturar o PMDB no interior. O senhor está hoje aliado a um grande empresário do Ceará que é o Edson Queiroz Filho. Inclusive está indo essas viagens ao interior nos aviões da empresa dele. Tô certo?*

Juraci -- Não, eu vou lhe explicar aqui uma coisa. Eu disse que ia continuar fazendo política, que faço. Fui eleito primeiro vice-presidente e fui para o partido. Dou expediente todo dia e fui para o meu consultório, que é o que eu gosto. Quando foi no Carnaval nós saímos aqui, até em tom de brincadeira. Fomos ao Paracuru, a Caponga, ao Aracati (*idades do litoral cearense*). Aí, quando eu cheguei... Inventaram até que eu tive medo, lá no Aracati que eu devia falar. Eu fiquei doido. Ora, chego num Carnaval daquele pedir pra falar? O Edson é, era o segundo vice-presidente do partido. De maneira que eu pra sair essas viagens, ia eu, ele e o Leônidas que é o secretário. Pelo menos com a metade da executiva pra poder a gente analisar isso. Agora ele saiu e foi pro PP. Mas as nossas viagens nós estamos continuando. Ele fazendo lá o partido dele e eu, terminando de reestruturar o meu. Agora vamos lá naquela conversa. Eu sempre fui um secretário "ad hoc" do PMDB. E eu tenho dito que eu estou reclamando porque eu fui prefeito de Fortaleza. Ninguém via o trabalho que eu fazia nos idos de 66 até 86, 89. Naturalmente naquela época eu ia de Jeep, ia de Rural, ninguém nem sabia disso, certo? Agora, porque me convidam para ir num jumentozinho melhor, né? Aí eu vou deixar de ir? Não posso, né? Bem, quem paga... Até me perguntam: "Quem tá pagando?" Tá pagando quem tem dinheiro para pagar. Naturalmente alguém vai provar perante a Receita que tem dinheiro para pagar. Agora, perder oportunidade de aceitar um convite desses, eu não posso de maneira nenhuma.

Entrevista -- *Em entrevista que deu ao O Povo, no dia 24 de fevereiro de 89, o senhor afirma que se sente melhor com o pessoal do Jardim das Oliveiras e do Parque Dois Irmãos do que com aquele pessoal que lhe convida para jantar, porque fica imaginando qual o prato que eles estão querendo na Prefeitura. O senhor tem viajado frequentemente com o Edson Filho, e logicamente deve ter jantado com ele algumas vezes. Qual é o prato que o*

Edson Filho vai pedir num futuro governo Juraci, e até que ponto o senhor está disposto a servir esse prato?

“Hoje não tenho nenhum compromisso político com quem quer que seja, ou compromisso empresarial seja com quem for. Cambraia tá eleito aí e não tá devendo nada.”

Juraci -- Olha, primeiro são duas coisas diferentes. Quando eu disse isso aí, em 89, logo no começo da gestão, não tinha completado nem um ano ainda... Mas estavam me solicitando demais para ir jantar, certo? E eu nunca tinha sido chamado, até pros locais que para mim eram estranhos, e, tendo sido médico de muitas dessas pessoas, não me convidavam. Aí, quando eu fui a um, aí eu senti, que ele queria comer o prato da Prefeitura. Me dava um prato de sopa e queria um prato bom pra comer. Aí foi quando eu disse isso aí. Eu prefiro comer o pão-de-ló, lá no Parque São José, ou do Parque Dois Irmãos ou do Jardim das Oliveiras, do que ir para lá. Até me questionaram, começaram a falar, aí eu fui e disse: "Não, eu também sou sócio dos Diários, mas não tomo a sauna daí, eu prefiro tomar banho no Maranguapinho, com aquele povo". Sou dessa visão aí, certo? Hoje, eu não tenho nenhum compromisso político com quem quer que seja, ou compromisso empresarial seja com quem for. O Cambraia tá eleito aí e não tá devendo nada a ninguém, certo? Não tem nenhum compromisso. Você tem realmente que, ao assumir o poder público, buscar aquelas pessoas que tenham o mesmo objetivo. Porque se você for atrás daqueles que lhe deram alguma coisa em troca, ele quer outra, aí você não governa. Porque nós buscamos, durante essa nossa gestão, aquilo que a gente tava dizendo, procurar humanizar essa cidade com a participação de todos. Essa participação aí significa a qualidade do serviço público.

Entrevista -- *Durante sua gestão como prefeito o senhor teve muito contato com pessoas clientelistas,*



Impressiona a memória do ex-prefeito. Tanto ao lembrar fatos da adolescência, quanto do início da carreira política.

Juraci mostrou-se interessado sobre a data da publicação da revista. Disse querer estar presente.

Juraci tem viajado bastante ao interior do Estado em caravanas políticas muito concludidas.



Mas dissimula quando perguntado se já é campanha rumo ao governo do Estado nas eleições de 94.

que estavam ao seu lado por interesse?

Juraci -- Eu tava nesse instante dizendo isso. Existem pessoas que não saíram desse discurso ainda. Eu fui até um pouco agressivo com meus companheiros. Porque os discursos do porão da ditadura não existiam mais. Eu pedi que esse discurso não levasse mais à frente, que ninguém acredita mais nele. Esse clientelismo de "Tá aqui, me traga aqui, vem acolá", essa coisa toda. Nós conseguimos -- e é a primeira vez que vou dizer -- 137 mil endereços na cidade de Fortaleza. Você diz: "Como?" Com abaixo-assinado. Ela tem 2.862 ruas, e eu pra ir pra aquelas ruas queria a participação do cidadão. Aí ele botava o nome e o endereço dele. Então, eu tenho 137 mil, na maquininha, o endereço de Fortaleza. Lá da periferia, porque do lado de cá a gente não pede, não.

Entrevista -- Quer dizer que a candidatura do Cambraia também foi um "Projeto Avon"?

"Eu conhecia só essa cidade, a Fortaleza. Passei a conhecer a Prefeitura. E como eu disse que queria humanizar essa cidade, aí pensei numa mulher, minha cliente."

Juraci -- Pelo contrário. Ele foi fácil de se identificar. Porque ele já vinha trabalhando conosco, e ele se identificava, nesse comício que nós fomos. Tanto é que ele teve até que mudar um pouco o visual, tinha aqueles cabelos soltos. Mas ele se identificava. Porque é um homem simples, comum. Ele ia comigo, o Marcelo (Teixeira, vice-prefeito e superintendente municipal de Obras e Viação) ia comigo, certo? Nas segundas-feiras eu fazia isso sempre.

Entrevista -- Fazendo uma análise crítica de sua administração, o senhor poderia mostrar alguns erros cometidos?

Juraci -- Claro, claro. Eu fiquei frustrado porque não fiz algumas coisas, e também acredito que poderia ter substituído alguma que tenha feito por outra. Eu peguei o bonde andando,

não tinha nada planejado, não tinha programa nenhum. O Plano Diretor da cidade era de 1979. Eu conhecia só essa cidade, a Fortaleza. Passei a conhecer a Prefeitura. E como eu disse que queria humanizar essa cidade, aí pensei numa mulher, minha cliente. Foi logo o que eu fiz. Então a mulher tava ficando velha, aí não podia. Tinha até o negócio que o pessoal ri, quando eu digo, assim na espontaneidade, que mandei tapar os buracos dela. Porque tava toda esburacada, né? E mandei realmente asfaltar e limpar pra ficar nova. Aí tem aquelas outras coisas, que quando você faz na mulher, você pergunta: "Você tá respirando bem?" "Tô não, não tem praça, não tem bosque, não tem nada." "E você? Qual é a queixa?" "Eu tô sentindo um cansaço danado." Olho os olhos, a língua.

Entrevista -- Doutor Juraci, entre o consultório e o palanque, onde é que fica a família?

Juraci -- Essa é difícil, viu? Essa é que é difícil, tá entendendo? Porque você, como profissional da área, já se vocaciona. E quando você junta as duas coisas, médico e político, aí tenha paciência, viu?

Entrevista -- O senhor tem netos?

Juraci -- Cinco netas.

Entrevista -- Qual é a sua relação com elas?

Juraci -- Muito boa. Ainda ontem, a que tá aniversariando hoje dormiu com o avô.

Entrevista -- O senhor parece que atribui muita importância à opinião da sua mulher e sua família em todas as decisões que o senhor vai tomar, né?

Juraci -- Olha, eu nunca fiz as coisas sozinho. A não ser aquelas que eu não posso mandar os outros fazer, certo? Claro. Então, eu sempre pergunto a alguém. Eu gosto sempre de equipe. E eu digo que a minha equipe, realmente, foi muito boa, certo?

Entrevista -- Se por acaso o senhor fosse indicado pelo seu partido a candidato a governador e ganhasse, qual seria sua prioridade para o Estado do Ceará?

Juraci -- Emprego, emprego, emprego, emprego, emprego e emprego.

Entrevista -- Geração de renda? Seria isso?

Juraci -- Certo.

Entrevista -- O senhor já visitou o canal do Ciro?

Juraci -- (Balança a cabeça negativamente).

Entrevista -- Nem vai? Por quê?

Juraci -- Não foi obturado ainda (risos).

Entrevista -- O Ciro se referiu ao senhor como "candidato Ballantine's". O senhor já assumiu que gosta de tomar sua bebida. Eu quero saber se essa é sua preferida mesmo ou se o senhor prefere outra marca.

Juraci -- Uma coisa eu não vou mudar nunca. Se eu vou pra uma reunião social, eu bebo. Claro que eu bebo. Mas nunca fiz aquilo: perder a lucidez. Porque é incompatível a lucidez com o alcoolismo. Aí ele chega e diz que eu tomo um litro de uísque importado. Eu não posso nem agüentar um litro de Ballantine's 12. Porque é caro, né? Quanto mais eu tomar, todo dia, um litro desses, certo?

"Claro que eu bebo. Mas nunca fiz aquilo: perder a lucidez. Porque é incompatível a lucidez com o alcoolismo. Ele chega e diz que eu tomo um litro de uísque."

É caro. E além do mais eu não devia estar assim não, né? Eu devia estar um pouquinho mais papudo. A barriga meio assim, inchada, aqui com cirrose e essas coisas todinhas.

Entrevista -- Nem teria essa cor tão boa.

Juraci -- É. Eu tava muita coisa, não é? Então, ele coloca isso aí. Ele coloca porque eu mesmo já disse isso. Ele sabe disso. Quando a gente tava conversando, eu chegava e dizia para o Assis e para o Sérgio: "Olha, me dá minha vitamina B 12 aí". "O que é?" "O Ballantine's 12, que aquele amarelo eu não gosto". Eu sabia que eles tinham. Então, era a minha vitamina B 12. Isso aí, eu não vou deixar nunca. Agora, duvido que alguém conheça... Se eu chego lá, num boteco, fico sozinho, tomando uma dose, ou mais de uma dose, ou

Enquanto isso a Imprensa já reproduz a "guerra" entre o Cambraia e o grupo do ex-prefeito.

A região mais visitada por Juraci é a do Cariri, onde o ex-prefeito diz ter grande apoio político.

tenha saído dando umas voltas assim, daqueles caboclos que erram o caminho e não sabe da chave de casa. Não, eu acho isso até uma postura esquisita, certo? Olha, eu só durmo tarde e acordo cedo. E pode comprovar isso. É só ligar lá pra casa meia-noite todo dia. Eu estou acordado.

Entrevista -- *O senhor disse que ntes de dormir toda vida tem a sua leitura. Quais são os seus autores preferidos, qual o tipo de leitura que o senhor gosta?*

Juraci -- Ah, não. Eu não sou dessas literaturas não. Eu gosto de livro de Medicina. Agora eu tô estudando, lendo uns negócios de psiquiatria para poder saber qual é o pecado capital do homem (*risos*).

Entrevista -- *O senhor parou de fumar?*

Juraci -- Não, eu tô com cigarro aqui, mas vocês não fumam... Eu tô doído pra dar uma pitada (*Neste momento, Juraci acende seu Charm, que fumará até o filtro.*)

Entrevista -- *Quais são os grandes prazeres da vida?*

Juraci -- Olha, eu tenho todos os vícios, mas eu acho que o maior é mulher.

Entrevista -- *E a dona Zenaide, o que é que acha disso?*

Juraci -- Não tem nada a ver com sso. Eu tô lhe dizendo... Porque tem um bocado de gente aí, machista besta que anda dizendo, e eu tô aqui na frente de um bocado de mulher, mas vocês é que ganharam tudo. Se não fosse a mulher eu nem vivo era, né? Vocês tão ocupando o lugar, e o homem que tenha cuidado, senão...

Entrevista -- *É uma característica do senhor aceitar essas críticas como essas feitas pelo governador Ciro Gomes, no caso da bebida, sempre com bom humor? Isso é uma característica do homem, do médico ou do homem público?*

Juraci -- É do virginiano (*risos*). Eu sou virginiano, não sou virgem. Então, tá no meu mês, né. Tá, eu vou fazer aniversário agora.

Entrevista -- *Hoje não é seu aniversário não, é? Quando é?*

Juraci -- Não, é segunda-feira. Não, hoje é da minha neta. E segunda-feira eu tenho outra neta que faz aniversário comigo. Então, não adianta você conviver com conveniência ou convivência. Você tem que viver e conviver de maneira

que você acha bom e quer e deseja. Eu faço isto. Eu não tenho ódio nem rancor de ninguém. Eu por exemplo não tenho aquele hábito que é o que eu tô estudando agora, a mitomania nerônica.

“É a mania de ser um mito como foi o Nero. E o Collor. Então, você não pode, como pessoa humana, querer ser isto. Que isto se chama soberba, né? É mito.”

Entrevista -- *Traduzindo...*

Juraci -- É a mania de ser um mito como foi o Nero. E o Collor. Então, você não pode, como pessoa humana, querer ser isto. Que isto se chama soberba, né? E mito, é mentira.

Entrevista -- *Quais são os hobbies do Juraci?*

Juraci -- Olhe, eu já fui tudo na minha vida. Até jogador de futebol, certo? E de voleibol. Mas um dia eu quebrei esse braço aqui, lá no Mondubim, porque eu não tinha tomado nenhuma dose (*risos*). Aí eu passei a outro hobby. Aí eu voltei a me dedicar ao xadrez e à dama, que eu gosto, né? Eu não sei jogar xadrez, mas eu gosto de jogar com as peças, de jogar minha paciência, porque eu gostava de jogar pôquer e jogo pôquer, buraco, jogo tudo. Todos os tipos eu gosto. E passei a jogar gamão, né? O outro é, como eu sou estatístico também, porque todo sanitário é, eu gosto de fazer cálculos, e não faço com máquina não, eu faço com nove fora, certo? De novela, como eu não gosto, eu não assisto. Eu só assisto àquela, porque aquela era boa.

Entrevista -- *Qual?*

Juraci -- Aquela da Gabriela (*risos*). Aquela eu assistia. Ela subindo assim nos telhados. Ela se deitava com o seu Nacib... Mas aí eu gosto de, não de ler, de escrever determinada vivência, determinados pensamentos, não sabe?

Entrevista -- *Tipo um diário, alguma coisa assim?*

Juraci -- Não, dentro da vida comum, tá entendendo? Eu pego e começo a fazer uns riscos, certo? Começo a escrever. Aquilo dentro do que eu vivi, né? Não é contando história.

Entrevista -- *Tá escrevendo um livro?*

Juraci -- Não. Não é contando história, essa coisa todinha. Mas eu gosto de piada, não é? Certo? Aí então eu vou, fico pensando. Agora eu vou escrever sobre o FHC (*risos*). Quando eu era sanitário, o BHC era remédio pra matar rato, era um inseticida brabo. Deve ser um inseticida mais forte, porque fulmina o homem comum, o FHC. Aí começo a fazer essas brincadeiras, essa coisa todinha. Vou e conto essas piadas por aí a fora. Eu me divirto com isso aí. Agora eu gosto muito de ler medicina, eu gosto. Mesmo no período que eu fiquei na Prefeitura eu não deixei de ler, principalmente no que respeita à minha especialidade. Eu gosto. Gosto de ler. Agora livro de cabeceira pra dormir... Não sei o quê. Eu realmente tive um tempo que eu gostava das poesias de Augusto dos Anjos. Ler o Machado de Assis, o sujeito lê. Ou a Rachel (*de Queiroz*), você lê. Mas eu não sou aquele viciado, né. Filme, o último que eu assisti foi o Doutor Jivago (*risos*).

Entrevista -- *Mas na época em que ele foi lançado não, né?*

Juraci -- Foi. Quando o Cine São Luiz foi inaugurado.

Entrevista -- *Quer dizer que o senhor não assiste à TV a cabo?*

Juraci -- Hummm. O que acontece é o seguinte. O filme que eu gosto realmente não é aquele do banguê-banguê, mas aquele que tem uma certa visão, né, do mundo de hoje, atual, certo? Filme bem documentado, eu gosto. Esse assisto da televisão. Eu tô dizendo é pra ir pra fila do cinema...

Entrevista -- *Qual é a opinião do médico Juraci sobre o político Juraci e vice-versa? Uma autocrítica.*

Juraci -- Bem, isso é muito difícil, mas eu faço isso sempre. Nunca subi escada correndo com medo de ter uma casca de banana, escorregar e cair. Então sempre fui degrau por degrau.

Entrevista -- *Seguiu os conselhos de seu pai?*

Juraci -- Sim. Eu fui degrau por degrau. Porque ele sempre dizia: “Olhe, quem sobe de degrau em degrau não tem ventania nenhuma que derrube”. Isso eu fiz. Então, como profissional eu adquiri tudo aquilo que eu desejava. E que hoje eu ainda tô buscando embora já tenha passado dos 60 anos. Quando



No processo de escolha dos entrevistados, o nome de Juraci Magalhães foi o mais votado pelos alunos.

Antes da entrevista, uma das preocupações dos alunos era como abordar o gosto de Juraci pela bebida.

Mas, ao ser abordado sobre o assunto, o ex-prefeito mostrou-se descontraído e levou o papo tranquilamente.



Uma boa parte dos alunos e o professor acompanharam Juraci até o carro no estacionamento do curso.

eu tenho dificuldade eu digo: "Olhe, vamos ouvir mais alguém, né?" Porque é o maior respeito que você deve ter é ao próximo. Você não pode negar a ele aquilo que você sabe e nem tão pouco dizer a ele que não sabe e vai enganá-lo. Não é possível isso aí. A mesma coisa eu faço é ser político. Então, para que você possa compatibilizar o homem político, público, você tem que ficar no vértice do triângulo e fazer com que empresário e usuário se sintam bem. O que eu busquei é isso. E o que eu busco também é essa qualidade naturalmente, para ser mensurada, essa qualidade de vida, essa qualidade que a gente quer, é muito difícil. Mas eu sempre ando dentro dessa faixa.

Entrevista -- Uma última pergunta: Como é que o senhor, hoje em dia, vê a imprensa?

Principalmente na construção de mitos políticos, com no caso do ex-presidente Fernando Collor?

Juraci -- Eu fui convidado aqui, como prefeito, para um encontro da imprensa nacional. Tava escrito lá: "Liberdade de imprensa". Aí eu fui e disse: "A mesma liberdade que eu busco". Mas vocês não têm. Porque o empresário, o dono da empresa, não deixa você expressar seu pensamento. Com raras exceções, nos editoriais, eles não dão nenhuma opinião pública. Eles fazem mais uma conversinha pra lá e pra cá. Então, tá precisando... Eu acho que agora, com a formação dessa gente aqui, a profissionalização, o direito de discutir, nem discutir, nem com medo e nem também com raiva, certo? É analisar friamente o que buscamos, que é ter vida, ser vivo. Essa comunicação é naturalmente muito difícil. Porque, vamos supor que

vocês aqui se reunissem e fizessem uma cooperativa aqui pra manter um jornal, com a idéia de vocês. Não iam ter condições. É mesmo que botar na *Hora do Brasil*, que o pessoal fecha. Se você olhar na comunicação aqui, o que é que todo mundo assiste? Tem até um artigo do professor Gerardo Campos, que fala na novela e na novela. Como era a novela antigamente, como é a novela hoje. Esse poder que tem a imprensa ainda está com aquele homem que tem um perna só. Como é o nome do bichinho?

Entrevista -- O Saci?

Juraci -- Ainda tá com uma perna só. Porque, na verdade, se ela for bem digerida, nós vamos ter condições de reverter o quadro desse país. Porque o que eu mais temo é ele completar 500 anos agora e não ter a maioridade.



DOMÍNIO COMUNICAÇÃO

- Coordenação de campanhas publicitárias e políticas.
- Prestação de serviços de propaganda, publicidade e marketing.
- Preparação de anúncios gravados, musicados e filmados.
- Serviços de filmagens sociais, culturais, comerciais, industriais.
- Serviços de divulgação, promoção e produção para jornal, rádio e televisão.

Marcos Lemos
Diretor de Produção

George Lemos
Diretor Comercial

DOMÍNIO PUBLICIDADE & PROMOÇÕES LTDA

Rua Beni Carvalho, 205 - ALDEOTA - Tel: (085) 261.2993 - CEP 60135-400
FORTALEZA - CEARÁ - CGC (MF) 41.415.506/0001-49 - INSC. ISS 106.809-1